



Execução de Louis XVI na Praça da Revolução, 21 de janeiro de 1793. Coleção de Gravuras do Museu Carnavalet, Paris.

O Carrasco [Der Henker]

Maria Lazar

1921

Trad. Mariana Bourscheid Cezimbra¹

Traduzido na íntegra a partir de: versão do texto disponibilizada no programa da montagem da peça “Der Henker” pelo Akademietheater na temporada de 2019 com direção de Mateja Koležnik.

O Carrasco é uma peça de um ato que se passa na noite anterior à execução da sentença de morte de um assassino. Como último desejo, o Assassino pede para conhecer pessoalmente seu Carrasco. Ele deseja entender a motivação e os sentimentos do Carrasco ao matar alguém. Outras personagens que visitam a cela do condenado ao longo da noite, como o Padre e uma Prostituta, participam de conversas que revelam um olhar crítico, subversivo e destrutivo em relação à sociedade e sua moral convencional e levam o enredo a um desfecho surpreendente.

Maria Lazar nasceu no Império Austro-Húngaro, em 1885, e faleceu na Suécia, em 1948. Trabalhou como jornalista, tradutora e escritora, sendo a primeira profissão para sobrevivência e as outras duas por vontade. A Áustria, renascida como república em 1919, estava imersa em um cenário caótico de ideias e posições políticas: a classe

¹ Mariana B. Cezimbra é formada em Licenciatura e Bacharelado em Tradução no curso de Letras Português e Alemão da UFPR. Atualmente é estudante de mestrado no PPGEL da UTFPR, onde pesquisa o uso de Inteligência Artificial generativa no trabalho de tradução.

trabalhadora se abria às crenças comunistas, os conservadores patrióticos assumiram ideias fascistas, e, no âmbito religioso, havia manifestações católicas, sionistas e antisemitas. Havia ainda um grupo monárquico que queria a volta da Coroa. É nesse caos político, econômico e religioso que Maria Lazar, influenciada principalmente pela sua irmã, Auguste Lazar, aderiu às ideias comunistas e mostra em suas obras um olhar atento e crítico acerca das contradições sociais em que estava inserida.

O Carrasco foi o primeiro drama escrito por Maria Lazar, publicado em 1921. No mesmo ano, estreou nos palcos de Viena. Toda a obra de Lazar publicada até 1938, quando a Áustria começou a fazer parte do Terceiro Reich, foi destruída pelas fogueiras nazistas. Apesar de suas obras terem chamado atenção em sua época, elas não foram reeditadas após o fim do período nazista. Assim, Maria Lazar ficou esquecida até que uma pequena editora vienense, *Das Vergessene Buch* [O livro esquecido], decidiu publicar obras censuradas pelo governo do Terceiro Reich que ainda não haviam ganhado uma nova edição durante o período democrático. Até 2025, a editora já publicou oito livros da escritora. Algumas de suas obras já foram adaptadas para o palco, incluindo *Der Henker*, apresentada em 2019 no *Akademietheater* de Viena, um dos mais importantes palcos da Áustria. A peça é traduzida pela primeira vez em língua portuguesa.

O carrasco

Maria Lazar

Trad. Mariana Bourscheid Cezimbra

PERSONAGENS

Promotor
Assassino
Carrasco
Carcereiro
Prostituta
Padre

Madrugada. Prisão. Paredes escuras, chão escuro.

À esquerda, um colchão simples de palha, e uma cadeira sem encosto. Logo acima dele, um pequeno buraco na parede. Uma lamparina de óleo ilumina o ambiente com uma luz turva avermelhada. À direita, no alto da parede, uma janela de grades longas e finas, que só pode ser vista com a luz do amanhecer. À direita, em direção ao centro da cela, uma mesa de madeira e uma cadeira. Na parte de trás, no meio, uma porta com um olho mágico.

Duas correntes longas, presas na parede acima do estrado, vão até os pulsos do Assassino. Quando a cortina sobe, ele fica bem no centro, tão afastado da parede que as correntes ficam esticadas. Sua cabeça está abaixada como a de um touro enfurecido. Sua camisa está aberta e ele usa uma calça escura.

A um passo à frente dele estão o promotor e o padre. O promotor com uniforme formal, muito solene e severo, está lendo algo escrito num grande rolo de papel. O padre é um homem idoso e ligeiramente encurvado.

PROMOTOR - (lê) Às seis horas, será executada a sua pena de morte... O senhor tem direito ainda a um último desejo em sua última noite –

ASSASSINO - Não.

PROMOTOR - Então, que Deus esteja com o senhor. (*O promotor e o padre se preparam para sair*)

ASSASSINO - (levanta a cabeça devagar) Vossa Excelência, fique... mais uma vez... eu acho... eu acho que o senhor não entendeu direito.

PROMOTOR - Eu posso apenas repetir o que...

ASSASSINO - Não entendo Vossa Excelência. O que tem aí? É só um pedaço de papel. Mas o senhor está bem aqui ...

PROMOTOR- (*novamente com o rolo de papel na frente dos olhos*) Eu estou disponível para ler mais uma...

ASSASSINO - (*desesperado*) Não, deixa.

PROMOTOR - (*Com um olhar interrogativo*)

ASSASSINO - (*com voz baixa*) Vossa Excelência, quando o senhor fala com a sua mãe... também precisa consultar tudo num papel?

PROMOTOR - (*dá de ombros*) Eu cumpro a minha obrigação.

ASSASSINO - Sua obrigação... mas, se eu pedir, me diga... pois ... não consigo entender.

PROMOTOR - (*olha para o padre, e então levanta novamente o rolo de papel*) Em nome de Vossa Majestade...

ASSASSINO - (*Se joga com força em cima da cama*) Então vá logo.

PROMOTOR - (*Constrangido*) Eu realmente não sei o que o senhor espera de mim. Eu estou à disposição, quero...

ASSASSINO - (*Fala com sarcasmo*) Vossa Excelência quer, sim, Vossa Excelência quer... Vossa Excelência nem pode querer. Então me diga logo, em voz bem alta, o que é que vai acontecer... comigo... amanhã, às seis da manhã... mas, Vossa Excelência não consegue, tem medo, teme o que vão fazer comigo... fique... não vá, eu quero tentar falar sobre isso, para a gente tentar entender... será... às seis da manhã, sim, mas por que às seis... por que não às sete, às cinco - quando o frio é acinzentado, o pátio todo de pedra – vão me tirar daqui, vão me levar, vão me carregar, vão me arrastar... e o dia vai se aproximando, mas ainda assim tudo cinza - vão me empurrar, vão me olhar, vão usar um cutelo - (*grita*) Vossa Excelência, quem é que... (*berra*)... quem...

PROMOTOR - O carrasco.

ASSASSINO - O carrasco... ele... quem (se levanta, com muita calma) – Vossa Excelência, eu tenho um último pedido, gostaria de conhecer o meu carrasco, agora mesmo, imediatamente, quero ele aqui, rápido.

PROMOTOR - O senhor rejeita o padre que tentou vir até você diversas vezes para tentar confortá-lo, mas solicita a visita do seu Carrasco. Vou informá-lo sobre o seu pedido peculiar.

ASSASSINO - Porque eu quero ver o Carrasco, Vossa Excelência. Rápido, não tenho muito tempo.

PROMOTOR E PADRE - (*saem*)

ASSASSINO - (*anda de um lado para o outro*) Tinha que ter relógios aqui, muitos relógios... toda a prisão devia ser cheia de relógios. Relógios pendurados em todas as paredes. Com os ponteiros marcando o tempo. Por que será que tiraram os relógios das prisões? Não vai crescer nada dentro delas. Somente o fim... é vivo. A gente precisa de relógios até o fim... Quero contar meus passos... não, eles serão muito lentos... A gente precisa de relógios... relógios que funcionem, não importa... se é claro... ou escuro... (*apalpa o chão*)... a pedra permanece a mesma de um dia para o outro... (*apalpa a parede*)... e aqui também, é tudo igual... apenas a lamparina pisca, vai ficando menor, então... (*corre para o olho mágico*) - Carcereiro... (*resposta sombria e incompreensível*) - faz quanto tempo que a lamparina está queimando, a minha lamparina, a lamparina pequena... (*outra resposta incompreensível*)... sim, está cheia, completamente cheia... (*nova resposta; ele volta e estica a mão para medir com os dedos a parte de vidro da lamparina, que está cheia de óleo*)... então um, dois, três e... é possível medir... o tempo está queimando... que óleo fedorento (novamente anda de um lado para o outro)... por que é que ele não vem, para que fazer a gente esperar e esperar.

CARRASCO - (*Entra em cena. Um homem pequeno, robusto e atarracado, de aparência burguesa. Ele veste um terno cinza e tem um bigode. Ao entrar, tira o chapéu.*)

ASSASSINO - O que que é agora, quem é você?

CARRASCO - Eu? O senhor é que... me mandaram vir aqui.

ASSASSINO - Vá para o inferno... talvez você queira me vigiar, para ver o que faço, o que penso - que cara idiota - eu não faço nada, nem mesmo penso em nada, nem sequer tenho um relógio comigo...

CARRASCO - Então já vou embora. É que o senhor tinha exigido...

ASSASSINO - O que foi que eu exigi?

CARRASCO - Me ver ou me conhecer, não entendi direito.

ASSASSINO - Você? Então quem é você mesmo?

CARRASCO - Eu não entendo, talvez tenha sido um engano, mas foi o promotor quem me chamou aqui.

ASSASSINO - (*atônito e descrente*) Então o senhor que é o Carrasco?

CARRASCO - (*um pouco ofendido*) Isso, eu mesmo.

ASSASSINO - (*ri alto, mas para de repente*) Isso é maravilhoso... bem, então... me desculpe... é um grande prazer – (*aperta a mão dele*) – mas eu nunca teria reconhecido... bem, o senhor não é do mal... a gente imagina o escarlate e o aço... desde a escola... uma superstição.

CARRASCO - Eu não costumo vir desse jeito à noite.

ASSASSINO - Isso é muito gentil de sua parte. O senhor é realmente uma pessoa decente. É uma pena que eu tenha que recebê-lo pela primeira e última vez em um lugar como este. Por favor, sente-se... (*O Carrasco senta-se ao lado da pequena mesa à direita. O Assassino fica de pé ao lado da cama e passa os dedos pelo cabelo*) Estou terrivelmente sujo e esfarrapado... (*pega o pescoço*) – sem colarinho, sem gravata. (*Pausa*) Deve ter sido muito desagradável para o senhor ter sido chamado tão tarde da noite. Sabe, preciso lhe perguntar uma coisa. Mas só mais tarde, não estou com pressa, e estou muito curioso... É claro que foi muita falta de consideração da minha parte pedir para que viesse tão tarde da noite. Provavelmente, o senhor estava indo dormir cedo para acordar amanhã... ou talvez já estivesse na cama.

CARRASCO - Não, é bem normal eu me levantar cedo.

ASSASSINO - O que o senhor estava fazendo, quando lhe chamaram para vir aqui me ver, com certeza foi um transtorno, né, com o que...

CARRASCO - Se o Senhor quer saber... mas meu Deus, não consigo imaginar o que isso interessa...

ASSASSINO - No bar... o senhor bebe?

CARRASCO - Claro que não, eu só jogo uma partidinha de cartas à noite.

ASSASSINO - Pior que os seus amigos ainda estão esperando pelo senhor, que pena. E, para piorar, nem deve ter jantado.

CARRASCO - Já jantei sim, em casa.

ASSASSINO - (*anda inquieto de um lado para o outro*) - Mas agora, o senhor deve estar com fome de novo, né... (*vai para o olho mágico*)... Carcereiro, traga um jantar para duas pessoas. E vinho, muito vinho. (*Lança um olhar para a lamparina*)... Mas rápido. (*Novamente para o Carrasco*)... Aqui não é o melhor lugar e eu não tenho nenhum baralho. Puxe a mesa em algum lugar próximo, porque não consigo ir até aí. (*Ele pega a lamparina do buraco e coloca sobre a mesa*) Agora, a lamparina, fica bem melhor, né, parece mais agradável... (*enquanto isso, leva a cadeira, que estava próxima da cama, para a mesa e se senta.*) Depois, a gente vai ter uma conversa, porque estou mesmo bastante curioso.

CARRASCO - Como queira, com prazer, se isso é tudo o que o você quer.

ASSASSINO - O senhor teve medo do que eu poderia querer?

CARRASCO - Ah sim, claro, a gente vê tanta coisa.

ASSASSINO - O senhor achou que eu queria... (*faz um movimento de estrangulamento*)

CARRASCO - (assente) Com certeza, claro.

ASSASSINO - Ou ficar chorando e implorando.

CARRASCO - Isso também. Mas você é, Deus me perdoe, um caso de pecado capital.

ASSASSINO - O senhor vai contar para os seus amigos na próxima vez que forem jogar cartas.

CARRASCO - Eles vão ficar de queixo caído.

ASSASSINO - Então sempre conta tudo sobre seu trabalho?

CARRASCO - Ah sim, e os outros também. Conto o que as pessoas têm curiosidade. Eu só queria saber o que elas imaginam disso.

ASSASSINO - Não é tão interessante assim.

CARRASCO - É um grande transtorno e ainda por cima é mal pago, muito mal pago.

ASSASSINO - Ah, o senhor é pago... Verdade, tinha esquecido disso.

CARCEREIRO - (*traz uma bandeja grande com o jantar em uma louça ordinária e o coloca em cima da mesa*)

ASSASSINO - O senhor poderia pelo menos trazer uma toalha de mesa? Veja bem, eu tenho um convidado aqui.

CARCEREIRO - (*sai*)

ASSASSINO - (*serves o vinho e levanta a taça*) À sua saúde, senhor... senhor... Como você se chama mesmo? Você deve ter também um nome.

CARRASCO - (*levanta receoso também a taça*) Josef Winter.

ASSASSINO - Bem, Josef... Então, à sua prosperidade Senhor Josef Winter, sirva-se, a comida deve estar boa, vamos ter uma última refeição agradável. (*empurra a comida para o Carrasco e, em seguida ataca com vontade a comida*).

CARRASCO - (*depois de uma pequena pausa*) O assado está maravilhoso.

ASSASSINO - E aqui, batatas, pegue mais... bem, onde estávamos?... Ah sim, lhe pagam mal... isso é uma vergonha.

CARRASCO - É o que tem para hoje.

ASSASSINO - Mas então por que que escolheu esse ramo, se ainda pagam mal?

CARRASCO - Veja bem como as coisas são, meu pai, que Deus o tenha, já administrava o negócio, então por que comer o pão que o diabo amassou? No início, claro, não me parecia certo. Preferia algo mais refinado. De qualquer forma, quando a gente é jovem, não se quer nada. É cada semana uma nova garota e uma nova cidade. Mas, uma hora a gente se ajeita, é melhor assim.

ASSASSINO - Quando foi que você se ajeitou?

CARRASCO - Logo que eu quis deixar o meu pai, ele me arrumou uma esposa. Ela era simpática e do lar. Não era muito bonita. Então veio o menino. Foi uma alegria ter ele em casa e um bom sustento.

ASSASSINO - E a sua mulher, gosta muito dela?

CARRASCO - Depois de tanto tempo junto, é normal que isso aconteça. Por que o senhor pergunta?

ASSASSINO - Você dá mesmo todo o dinheiro para ela, sempre?

CARRASCO - Claro, ela é organizada e fica de olho nas coisas. E mantém a casa arrumada.

ASSASSINO - Você tem uma casa?

CARRASCO - Uma casa bem pequena. Boa o suficiente para nós três. Mas ainda é do meu pai. Não é grande coisa, mas a horta é bonita. Eu cuido dela.

ASSASSINO - (*serves o Carrasco*) Beba mais, continue bebendo.

CARRASCO - (*falando cada vez mais*) Todos os legumes vêm da horta. Chego cedo no trabalho, toda manhã às seis.

ASSASSINO - (*recua*) Às seis...

CARRASCO - Ervilhas, lentilhas, feijão verde, espinafre, duas macieiras e capuchinhas ao redor, para ter um pouquinho de cor.

ASSASSINO - Capuchinhas vermelhas?

CARRASCO - Vermelhas e amarelas.

ASSASSINO - (*bate na mesa*) Você está se esquecendo, está esquecendo tudo, de tudo.

CARRASCO - (*assustado*) Esquecendo? O que eu esqueci?

ASSASSINO - Que você vai cortar a minha cabeça amanhã às seis. Isso também é vermelho, mas não é capuchinha... ah, não precisa se assustar não. Trabalho é trabalho... (*serves o carrasco*) Continue bebendo, beba... (*enquanto isso, olha direto para a lamparina*)... Eu estou estranho hoje, inquieto.

CARRASCO - Nossa, me assustei. Meu Deus, o senhor entende que não quero lhe fazer mal.

ASSASSINO - Tem pantufas em casa?

CARRASCO - Mas é claro... Eu acho que já está na hora de ir embora.

ASSASSINO - (*presunçoso*) Fique e continue bebendo e conversando.

CARRASCO - O que mais você quer?

ASSASSINO - Quero saber mais sobre a horta, as capuchinhas, o feijão verde, as ervilhas, isso não é tudo ainda. O que mais tem lá?

CARRASCO - Um pouco de girassol para o nosso canário.

ASSASSINO - E um banco.

CARRASCO - Fica embaixo da macieira.

ASSASSINO - Lá que você senta à noite, com o menino no colo.

CARRASCO - Ah não, não, já não é mais tão pequeno. Pois é, isso já faz muito tempo. Agora ele sai toda a noite.

ASSASSINO - Logo poderá largar a sua função, e então o menino vai assumir.

CARRASCO - Ele? Deus me livre, não fiz tudo isso à toa. Ele vai ter uma vida melhor, vai ser doutor.

ASSASSINO - Mas ele come as maçãs da sua horta.

CARRASCO - Vai ser doutor. Quem sabe, vá trabalhar num grande hospital. E todas as pessoas irão até ele.

ASSASSINO - Aí ele costura as cabeças que você cortou.

CARRASCO - Por que você fala das cabeças que eu cortei? Cumpro o meu trabalho. É o meu dever. Mas o senhor...

ASSASSINO - (*brando*) Eu... o que quer dizer?

CARRASCO - Eu não quis dizer nada, é apenas que... (*Levanta-se rápido e fica contra a parede com medo, depois que o assassino pulou*)

ASSASSINO - Homem, vou te dizer algo, preste atenção, para que você saiba. Agarrei a garganta dele com os meus dentes. Fiz jorrar sangue, com ódio. Senti as costelas dele com cada dedo, até ele ficar rasgado e mutilado... Por que você está me encarando, seu carniceiro, seu miserável... você está recuando de mim, está com medo, mesmo sendo eu quem está preso pelas correntes... mas amanhã, quem vai ser poderoso é você, vai olhar para mim... pro meu pescoço... Não, não vá embora, me diga mais uma coisa, apenas uma... você não gosta nem um pouco?

CARRASCO - Deus me livre, quem é que gosta de uma coisa dessas.

ASSASSINO - Preste atenção, Carrasco, para você entender... Eu senti alegria, alegria com um tapete encharcado de sangue, alegria com os últimos gemidos. A minha raiva se tornou uma superfície grande e fumegante, sibilou e rugiu, uma torrente furiosa - alegria.

CARRASCO - Faço o meu trabalho direitinho. Fico feliz quando acaba.

ASSASSINO - Você comeu o meu assado e tomou do meu vinho. E não consegue me odiar amanhã por três segundos? Apenas três segundos, até o machado cair. Ou vai durar mais tempo?

CARRASCO - Nem mesmo conheço o Senhor.

ASSASSINO - Não consegue ficar feliz? Só por três segundos. Com o belo sangue vermelho, que espirra e jorra.

CARRASCO - Me deixe ir... Estou cansado... Foi muito vinho... Não vou ficar mais.

ASSASSINO - Mas amanhã...

CARRASCO - Cumpro o meu dever.

ASSASSINO - Dever... dever... já conheço isso... espere, Carrasco, já o conheço (*senta-se na cama, pensativo*)... Dever, isso foi naquele tempo... ficar em pé num canto e rezar antes de dormir... o pai... você... o conheço... dever... fui expulso da escola com vergonha e desonra... o professor... você... dever... o general, em cima do cavalo, tiraram as minhas insígnias... você também... e no quartel o soldado, minha cela, sempre dever, dever, dever... era isso, o inimigo... os dentes amarelados, o olhar correndo com avidez... ele plantou dinheiro e colheu dinheiro... tudo é dever... até que eu agarrei a garganta dele... ele está lá agora... (*dá um pulo e recua*)... você de novo... o inimigo... o professor... o pai... Carrasco, você não está sozinho...

PROSTITUTA - (*Entra correndo em direção ao assassino. Morena, toda esfarrapada, enrolada em um grande lenço preto, com os cabelos emaranhados*) Finalmente aquele porco me deixou entrar... você... oh, isso são correntes... e ali... quem é o homem?

ASSASSINO - Este é o carrasco.

PROSTITUTA - Agora não, por que hoje já?

ASSASSINO - Por que então só amanhã, por quê?

PROSTITUTA - Porque eu estou aqui hoje, com você.

ASSASSINO - Não, deixa quieto Marie, eu não te chamei.

PROSTITUTA - (*recua, e cobre os olhos com o braço*) Eu não sou a Marie.

ASSASSINO - Então a Anna. Não chegue perto. Não me traga fôlego e nem pulso acelerado. Veja, eu estou morto e ele também. Apenas a lamparina está viva. Mas o óleo vai queimar.

PROSTITUTA - (*no mesmo tom com o mesmo gesto*) Eu não sou a Anna.

ASSASSINO - Bem, então quem é você?

PROSTITUTA - Não sei.

ASSASSINO - Mas o seu cabelo é quente e seus dedos são macios. Não venha até mim para me atormentar. O seu corpo é bonito.

PROSTITUTA - Eu não sou bonita.

ASSASSINO - De onde você vem? De qual puteiro? Atrás de um assassino... O que que você quer? Esqueci de pagá-la?

PROSTITUTA - (*deixa os braços caírem e começa a chorar baixinho, como uma criança. O Assassino afunda na cama desanimado*)

CARRASCO - (*Já na porta*) Eu vou deixar vocês a sós. Já vou.

ASSASSINO - Agora... e... você volta?

CARRASCO - (*assente*)

ASSASSINO - Amanhã... o senhor quer voltar para me buscar... e nem mesmo se importa com essa garota chorando.

CARRASCO - (*vai embora*)

PROSTITUTA - (*ainda chora em silêncio*)

ASSASSINO - Não chore. O que que você quer? Cumpra o teu dever.. quem te mandou?

PROSTITUTA - Ninguém.

ASSASSINO - Você está me trazendo alguma mensagem... talvez... veneno... uma faca... isso também não... o que você quer? Olhe a lamparina... está um pouco mais da metade... eu não tenho tempo.

PROSTITUTA - (*desesperada*) Eu não tenho nada comigo. Estou completamente sozinha. Ninguém me disse nada mesmo. Só eu estou aqui. Mas talvez... você queira o meu lenço (*joga para ele o lenço. Fica de camisa e saia. Ele pega o lenço e o olha enquanto fala com ela.*)

ASSASSINO - De onde você vem?

PROSTITUTA - Da casa amarela, perto do porto, bem na esquina... Você tinha todas. Também a Anna e a Marie. Menos eu.

ASSASSINO - Venha, sente aqui... (*ela senta-se do seu lado na cama, ele a olha atentamente*) não, você não, nunca te vi mesmo, será?... Faz tempo, você era loira com tranças grossas... você estava subindo uma escada... era verão... as vacas estavam prenhas.

PROSTITUTA - Nunca tive tranças grossas.

ASSASSINO - Ou uma vez num veleiro azul... você era uma Dama com um chapéu de palha e tinha mãos muito pequenas... estava sozinha num grande veleiro... porque estava triste.

PROSTITUTA - Nunca estive num veleiro.

ASSASSINO - (*continua refletindo enquanto olha para ela*) Mas então na frente dum hospital... suas bochechas murcharam e o vento te batia... seus seios estavam caídos e você segurou seu filho neles.

PROSTITUTA - Eu nunca tive um filho.

ASSASSINO - Não, nunca, isso também não... mas então, quem é você?

PROSTITUTA - Eu sou da casa grande... perto do porto... uma qualquer... que eu saiba... ninguém me conhece.

ASSASSINO - E você estava sempre lá?

PROSTITUTA - Sempre, até hoje... mas agora na madrugada, quando todas falavam de você... tão entretidas na conversa... foi então que eu fugi... pelos fundos... pelo corredor da cozinha.

ASSASSINO - Até mim?

PROSTITUTA - Até você.

ASSASSINO - E se elas descobrirem?

PROSTITUTA - Apanho.

ASSASSINO - Você, como assim... só tinha mesmo uma lamparina e nada... sem relógio... e você fugiu delas para vir até mim.

PROSTITUTA - Porque eu sabia que você estava sozinho.

ASSASSINO - E eles te deixaram entrar assim?

PROSTITUTA - Eu tive que dar algo para todos. Primeiro, os soldados, depois para aquele porco do carcereiro.

ASSASSINO - O que você deu?

PROSTITUTA - (*esconde o rosto*)

ASSASSINO - Mas para mim... você nunca me deu nada.

PROSTITUTA - Eu sempre só esperei, na frente do portão grande do nosso pátio... Às vezes mais que um mês, uma vez quase um ano e você não veio... Mas quando estava lá, a casa toda ficava cheia de fumaça quente, que parecia pó dourado... Você tinha pose e um chapéu preto e largo, e era tão alto... agora já não é tanto.

ASSASSINO - Neste lugar, a gente fica menor... nada consegue crescer aqui... não se cresce nada na prisão... Mas como você sabia que eu ainda estava preso... quem te contou?

PROSTITUTA - Primeiro a Anna, depois a Marie, então a Melitta ruiva e também as outras... e quando chorei, me deram o jornal, todos os jornais, a cama estava toda cheia deles.

ASSASSINO - Você dormiu sobre eles?

PROSTITUTA - Chorei e mordi até que elas tiraram tudo de mim... mas agora estou aqui.

ASSASSINO - E talvez nem mesmo seja eu... Quem sabe eu nunca estive na casa... Quem sabe a trouxeram para cela errada.

PROSTITUTA - Está escuro e difícil de ver alguma coisa... me dê sua mão... uma vez você me deu carinho... embaixo do portão da nossa casa... aqui oh, pegue o meu braço... Assim, passe a mão para cima, para baixo e para cima... Eu conheço a sua mão... não me solte... Esta é a fumaça e o ar dourado... oh, nunca mais... eu o reconheci.

ASSASSINO - (*se levanta e se volta para ela*) É esta pele que você deseja? Moça, o que é?... eu não posso lhe pagar nada... De onde você vem?... você agita a escuridão... olhe para lamparina ... a luz suja... já está bem pequena... eu... não... tenho... mais... nenhuma... noite.

PROSTITUTA - Não preciso de nenhuma noite e nenhum dinheiro e ainda tem muita luz.

ASSASSINO - Vá para casa, vá por você e vá pelos outros... todos estão esperando você na rua.

PROSTITUTA - Deixe eles esperarem.

ASSASSINO - Mas você, você precisa almoçar amanhã de meio-dia e de uma cama para a sua noite... vá... deixe que paguem você.

PROSTITUTA - Eu não preciso de nenhuma cama e nem de almoço... não preciso de dinheiro.

ASSASSINO - O carrasco e o Estado precisam do dinheiro... o advogado e o professor precisam de dinheiro e também o general e todos os soldados... e o inimigo semeou o dinheiro e o dinheiro colheu... ofendeu as criancinhas... mas você... quem é você?

PROSTITUTA - Eu sou apenas uma...

ASSASSINO - Uma... que está deitada aqui... de braços abertos, que encheu o peito de fervor intenso... sobe e atrai, onda borbulhante... a escuridão se torna luz e a morte ganha vida... mulher.

PROSTITUTA - (estende-se) Venha.

ASSASSINO - Por que você veio aqui?... você tirou a carne dos meus ossos, encobriu o horror com desejo e o meu sangue moribundo agora só tem uma saída... (*agacha-se, o mais longe possível dela que as correntes permitem*)

PROSTITUTA - Venha.

ASSASSINO - Esse maxilar, amanhã será esfacelado... meus dedos, serão azuis, meus olhos... ainda consigo te ver.

PROSTITUTA - Venha... (*luta com os seus braços e puxa as suas correntes. O assassino se levanta de repente; grita e vai em direção a ela*)

ASSASSINO - (*beija-a com vontade*) Eu devo... também arrancar... a sua garganta? (*Assim que se joga nela, a luz da lamparina fica mais forte, e, após suas últimas palavras, de novo, depois volta como estava. Ele recua e olha para frente*) Dor.

PROSTITUTA - Que foi?

ASSASSINO - Vieram me buscar... veja bem, a luz e lá atrás das grades... a noite está ficando cinza... (*mostra a janela com grades ainda invisível*)

PROSTITUTA - (*encurvada, como se tivesse recém acordado*) Não consigo ver nada.

ASSASSINO - Você não vê nada... o que você sabe sobre mim... vem e me dá um lenço e coxas gostosas... Eca.

PROSTITUTA - O que você quer que eu lhe dê?

ASSASSINO - Apenas óleo, muito óleo, para encher a lamparina, então a chama vai ficar mais forte e maior, vai devorar o muro e o carcereiro, correr para casa do promotor... vai devorar o seu lenço e você mesma... nós todos.

PROSTITUTA - (*chora*) Não tenho nenhum óleo... não tenho nada... não tenho nada mesmo.

ASSASSINO - (*cansado, senta-se próximo a ela*) O que, você é pobre... amanhã vai lá fora na rua, e cada pedra do calçamento será sua e as pedras do parque, o pão da padaria, o som alto do sino e a luxúria das vielas... mas eu.

PROSTITUTA - Você...

ASSASSINO - Você não sabe... não sabe mesmo de nada, não tem nem ideia... Por que você vem até mim, se deita e respira comigo com o mesmo ruído... e nem sequer sabe disso.

PROSTITUTA - O que eu preciso saber?

ASSASSINO - (*sussura*) O que vai acontecer...

PROSTITUTA - Não, já sei tudo o que você falou.

ASSASSINO - Você leu no jornal. Ou as outras fofocaram. A Anna, a Marie e a Melitta. Fazendo os cachos, maquiando as sobrancelhas e dando risadinhas de horror... (*cada vez mais perto dela*)... Quem você acha que é para saber de alguma coisa?

PROSTITUTA - Não, deixa, não me olhe, não chegue mais perto.

ASSASSINO - O pavor domina você, porque está me vendendo, muito perto, ah tão perto mesmo, a minha caveira... os olhos já estão vazios e a pele apodrecida... você ainda quer me beijar.

PROSTITUTA - (*geme e se contorce*)

ASSASSINO - Vou te contar, sua burra, curiosa... para que tenha algo para contar pros outros. Veja aqui, pegue a veia com os dedos (*coloca a mão dela sobre a nuca*)... aqui, veias cheias de sangue, que eu gostaria que você provasse... mas amanhã às seis... sim, para que exatamente às seis... espirra para fora, viscoso, respingando e jorrando... o machado cai no meio... a cabeça... rola e para... as pálpebras ainda se reviram... é a minha cabeça... você ainda quer beijar ela?

PROSTITUTA - Não, não mesmo.

ASSASSINO - Então o carrasco... ele alisa o seu bigode, como se estivesse na mesa bebendo vinho... entra no tribunal... por favor, meu dinheiro... fiz o meu trabalho, honesto e limpo... como você toda a noite... o que ainda está fazendo aqui?

PROSTITUTA - Não estou aqui a trabalho.

ASSASSINO - Cada um vem até mim realizar o seu trabalho, o pai e também o inimigo... agora vem o carrasco... mas você... o que ainda está fazendo aqui?

PROSTITUTA - Não sei.

ASSASSINO - O Carrasco não fica... vai para casa e o sol vai nascer. A sua esposa faz um café da manhã bem quentinho, um bom café, que não é sangue... então ele vai para horta dele, para regar as ervilhas e também as capuchinhas, que tão lá para trazer um pouco de cor... o quê? você não está de vestido? Só esse trapo preto?

PROSTITUTA - Pare de falar, não diga mais nada, tenho muito medo.

ASSASSINO - Medo... mas ele, o Carrasco e sua esposa não têm medo, para eles é bom... e então lá eles sentam embaixo da macieira e o filho, o menino, recebe todas as maçãs.

PROSTITUTA - O aleijado.

ASSASSINO - Conhece ele?

PROSTITUTA - Claro, todas nós conhecemos ele.

ASSASSINO - Você conhece, ele, o filho, fale logo, me diga agora, como ele é, você precisa me dizer.

PROSTITUTA - É pequeno e burro e branco e raquítico... desagradável e perverso... se encosta no nosso lampião, o lampião vermelho, olhando direto para a janela.

ASSASSINO - Para janela de vocês?

PROSTITUTA - Assim que eu cheguei, ele estava lá embaixo... acenou e olhou... mas... nenhuma quer ficar com ele.

ASSASSINO - Nenhuma quer ficar com ele?

PROSTITUTA - Sabe, quando a mulher estava em trabalho de parto, o pai estava... também era por volta das seis... a desgraça estava nele, ele não traz nada de bom... tem as mãos úmidas... e por isso ninguém quer nada com ele.

ASSASSINO - E ele fica no lampião?

PROSTITUTA - A noite toda... muitas vezes até de manhã... mas se uma de nós ajuda ele... não vive muito para contar... duas já foram desta para melhor.

ASSASSINO - E ainda fica sempre no lampião... mesmo se você for lá agora?

PROSTITUTA - Nunca vou lá.

ASSASSINO - (*de pé. De repente a luz da lamparina fica pequena. Ele fita a lamparina*) Não tem muito tempo (*mede com os dedos*) A lamparina está queimando (*olha para cima para a janela com grades. Por um instante, uma luz fraca aparece atrás das grades e desaparece logo em seguida*)... a noite está ficando cinza... (*para a Prostituta*)... corra, rápido, pegue o seu lenço, não quero ele. Quero outra coisa.

PROSTITUTA - (*de pé, se cobre com o lenço, assustada*) O que você quer de mim?

ASSASSINO - Você me ama?

PROSTITUTA - Te amo.

ASSASSINO - Quer me dar o quê?

PROSTITUTA - Quero lhe dar tudo.

ASSASSINO - Então, vá lá, corra, entendeu? pega ele, to falando do garoto, você enfia uma faca nele, através da garganta, não fique assustada, isso é uma alegria... por que está tremendo?

PROSTITUTA - Eu... a minha mãe... prometi para ela... que nunca ia fazer nada de errado...

ASSASSINO - E também para o professor... todos eles... nunca dar nada de graça, sempre vender... e a lamparina está queimando... logo se vê a grade... o que está fazendo aqui ainda... vá até o Carrasco... ele tem a minha cabeça, e o filho recebe as maçãs... saia. (*empurra ela com o pé*)

PROSTITUTA - (*se ajoelha com as mãos erguidas*) Não me mande para lá.

ASSASSINO - Quer ir comigo, para assistir?... você mesma pode...

PROSTITUTA - (*muito baixo*) Eu vou, eu faço.

ASSASSINO - (*ofegante*) E me traga a gravata dele... mergulhe ela no sangue, inteirinha, e traga ela para cá.

PROSTITUTA - (*levanta-se, rápido*) Eu te dou tudo... (*sai*).

(*Nas cenas a seguir, a mudança de luz ocorre de forma brusca, como especificada nas rubricas*)

ASSASSINO - (*encara a janela com grades, que continua invisível*) Ele ainda está lá... ainda não é dia... (*cambaleia em direção à lamparina*)... mas a luz está minguando, cada vez menor... (*com as mãos cruzadas*) Óleo abençoadão, eu rezo para você... lá no lampião, ela vai passar, ah seu cabelo quentinho... verão no campo... ele tem que seguir ela... toda rosa sua cama e o quarto grudado com pó... ainda dá tempo, ela não pode hesitar... (*põe a mão no coração*)... ah, o que ela está fazendo comigo... (*luz atrás das grades*)... mas a noite está acabando... (*estende as mãos no ar*)... maldita escuridão... tenho que segurar, segurar a escuridão, a noite, minha única noite... (*a luz da lamparina diminui de repente*)... o que aconteceu, quem foi que fez isso, a luz está queimando mais rápido... não quero ver (*joga-se na cama, agarra o rosto, fala com longas pausas*) Por que ela não se apressa... por que não vem mais rápido, não consigo mais esperar... (*fica deitado imóvel por alguns segundos, então se assusta de repente, ao mesmo tempo que aparece luz atrás das grades*) por que a escuridão está correndo... (*olha em volta com voracidade*)... correndo ao meu redor... (*pula e corre em círculos, com as mãos levantadas para pegar a escuridão, então novamente à mesa, com os dedos na lamparina*)... e só tem mais um dedo de óleo... oh, não quero nem ver... não consigo mais segurar... (*de volta em cima da cama, enterrando o rosto nas mãos, com longas pausas*)... ela volta correndo, não deixam ela entrar, mas mesmo assim, consegue, paga tudo para eles e então... ele vai ficar cinza e verde, agora oscilam de raiva, agora não me arrasta mais, agora não é mais o ofício, o dever, agora não é mais o pai, o professor, agora é o inimigo, eu o assassinei e olho por olho e dente por dente... agora não bota mais o meu pescoço no bloco... agora fica feliz... agora tem que me odiar... (*vira-se, há luz atrás das grades, levanta-se de sobressalto, anda de um lado para o outro*)... mas ela ainda não está aqui, vai jogar tudo fora, não é tão ligeira... a luz está aumentando rápido... não quero aturar e a luz está queimando... (*ajoelha-se na frente da mesa e encara o óleo*)

A porta abre-se devagar e entra o padre. Ele segura uma cruz prata na mão. O assassino se encolhe com horror)

PADRE - Louvado seja Jesus Cristo. Não se assuste, sou eu.

ASSASSINO - (*de pé e se apoia do lado esquerdo no muro, tremendo*) Não, pare com isso, não agora, não mais.

PADRE - (*dentro da cela, senta-se na mesa, à direita, onde o carrasco comeu*) Embora o senhor tenha me rejeitado algumas vezes, eu vou cumprir o meu dever, ficarei com o senhor na sua última hora... (*luz atrás das grades*)... volte a si mesmo e busque Deus... (*pausa*)... Eu o vejo esmagado pelo horror do além...

ASSASSINO - (*com calma*) o senhor se engana, Reverendo. Não é o além.

PADRE - Seus joelhos tremem e o Senhor mal consegue se manter em pé.

ASSASSINO - Não é o além, Reverendo... a lamparina está aqui, queimando cada vez mais fraca e quase não tem mais parafina e a escuridão diminui e veja, Reverendo, a grade chega até mim, será gorda e ávida. Por que não está olhando?

PADRE - E o Senhor percebe isso tudo agora, já que está com um pé na eternidade e logo verá as leis divinas.

ASSASSINO - Ainda estou vendo as leis terrenas. Talvez até mesmo pela primeira vez. Elas são escuridão, sedentas de sangue e cruas... mas isso tudo... você nunca vai conseguir entender... pois é um funcionário no vinhedo do Senhor.

PADRE - (*tremendo*) O senhor está querendo zombar comigo, me ofendendo.

ASSASSINO - Como eu posso zombar, ofender... quem é o senhor... nem mesmo o conheço... e porque veio me ver agora... não faço ideia.

PADRE - (*brando*) Deixe-me explicar.

ASSASSINO - Não, Reverendo, não consegue, só consegue me explicar a sua função, seu dever, seu trabalho.

PADRE - E não será suficiente para o senhor.

ASSASSINO - Não, pois eu odeio a sua função, odeio o seu dever, o seu trabalho (*luz atrás das grades, ele recua*) ah, então você não vê mesmo.

PADRE - Então é assim que o senhor quer partir desse mundo, com raiva não só das pessoas, mas também de todo o trabalho.

ASSASSINO - (*levanta-se com postura reta*) Reverendo, talvez eu não esteja com raiva das pessoas, mas o trabalho deles, eu abomino; o trabalho que serve para todos e só para ter o que comer, uma cama e talvez ainda também uma horta com capuchinhas.

PADRE - Homem tolo, olhe em volta da sua cegueira. Não vivemos todos uns pelos outros, trabalhamos todos uns pelos outros?

ASSASSINO - E não é que matamos todos uns pelos outros. E o trabalho do Carrasco, é a minha cabeça e o trabalho dele, é a minha alma... sim, você não tem vergonha mesmo.

PADRE - Homem, o senhor está cego de pavor da morte. Olhe em volta pelo reino do Criador. Veja a ordem natural divina, em que cada coisa resulta em outra.

ASSASSINO - Um animal devora o outro por trabalho, pela ordem natural... Oh, Reverendo, você me aflige e nem mesmo tem a coragem de me odiar.

PADRE - (*levanta alto a cruz*) Pense na sua última hora... (*uma luz muito forte vem da direção das grades*)... no Senhor, para o Senhor.

ASSASSINO - (*desmorona*) Oh, pela vontade Divina, não vê mesmo... a manhã já está aí... meu desespero.

PADRE - (*de pé, com a cruz levantada*) E mais uma vez o convoco, a corrigir sua concepção de Deus e apenas mais uma...

(*Após ouvir a última palavra, a Prostituta grita do lado de fora*)

PROSTITUTA - Me deixe entrar, seu porco, três noites, quatro noites, todas as noites... (*entra em cena. Ao invés de vestir um lenço preto, usa um de cor escarlate, de seda desfiada, em que está escondendo algo*)

ASSASSINO - (*de pé, aparenta triunfo e calma*) Reverendo, me deixe, essa garota é mais importante que o senhor.

PADRE - (*levanta a cruz, o abençoa e sai*)

PROSTITUTA - (*tira de trás do lenço a gravata ensanguentada*) Consegi, está aqui, para você.

ASSASSINO - (*pega a gravata dela*) Me dê... (*segura-a com as duas mãos estendidas à sua frente*)

PROSTITUTA - Cortei a garganta dele, logo que me beijou, pela primeira vez... viu, foi bonito... (*faz alguns passos de dança cambaleante*)... foi uma alegria, uma grande alegria e o sangue jorrava, a cama toda cheia de sangue... viu, agora fico aqui, vou com você na força (*faz mais alguns passos de dança cambaleante*)

ASSASSINO - (*coloca a gravata em volta do pescoço, apavorado*) Garota, o que que você tá dizendo, vá embora, para bem longe, e já.

PROSTITUTA - Nunca mais vou te deixar, nunca mais, (*implora*) não me mande embora.

ASSASSINO - Logo eles vão vir e ninguém pode saber... (*agarra ela para si*)... o seu cabelo aconchegante, seu pescoço acolhedor... (*rufo de tambor*) não, isso também não, fuya, fuya, pegue um navio, beije o marinheiro... (*dá um abraço apertado nela*)... pois eu te amo.

PROSTITUTA - E você?

ASSASSINO - Me deixe... não pense mais nisso, nunca mais pense nisso... você não me conhece, fuya... oh fuya mesmo para longe, fuya, eu imploro... (*empurra ela com violência em direção à porta*)

PROSTITUTA - (*gaguejando*) Mas o seu túmulo... eu vou achar ele... rosas e violetas...

(*O Assassino a empurrou para fora. Rufo de tambor. Ele fica na mesma posição em que estava no início do ato, na cama. A gravata está envolta do seu pescoço, pendente dos dois lados*)

(Pausa)

(A porta é empurrada e permanece aberta. Atrás dela, um muro pálido e uma janela com grades, por onde passa a luz fria, ofuscante e cinza como a cor de uma pedra. A lamparina se apaga. Entra o Carrasco com vestimenta medieval vermelho-escarlate, com ar grotesco e macabro, e um machado reluzente na mão. Atrás dele, dois lacaios com roupas cinzas)

ASSASSINO - *(em tom de zombaria)* Realmente, senhor Josef Winter, agora eu o reconheço mesmo. Só espero que o senhor tenha tido um bom descanso nessa noite curta.

CARRASCO - *(dá um passo à frente dos lacaios, bastante solene)* Em nome de Vossa Majestade, o rei.

ASSASSINO - *(presunçoso)* Deixa disso. Mas ainda tenho algo para lhe dizer, que vai facilitar o seu trabalho. Mande os dois voltarem. Rápido, imediatamente, não vai se arrepender.

CARRASCO - *(dá um aceno para os lacaios)*

(Os lacaios saem. Mas a porta fica aberta. O assassino está de pé, com o pescoço esticado. O Carrasco dá dois passos até ele)

ASSASSINO - Senhor Carrasco, até ontem eu não tinha nenhuma gravata... mas hoje, em sua homenagem... venha mais perto.

CARRASCO - *(chega mais perto)* O que... é... isso...

ASSASSINO - Isso é sangue, senhor Carrasco, e a gravata você conhece bem, pois o seu filho está deitado na cama com a garganta cortada.

CARRASCO - *(deixa o machado cair, cambaleia para trás)* Meu Deus amado... o garoto.

ASSASSINO - *(com a cabeça baixa)* Carniceiro, agora pode fazer o seu trabalho. Não vai ser por causa do dinheiro, da sua mulher ou das ervilhas, muito menos pelo seu filho, que eu matei para você... aqui está o meu pescoço... se divirta e me odeie... pois aqui fica o machado.

CARRASCO - *(se escora na parede, se contorcendo)* Mas não aqui... não... não aqui dentro.

ASSASSINO - Você precisa dos lacaios... não vou me mexer... aqui está o meu pescoço, o machado... e você é o inimigo, olho por olho e dente por dente.

CARRASCO - *(quase rastejando)* Não, não consigo, não posso, não consigo.

ASSASSINO - *(berra)* Escravo... corte.

CARRASCO - Eu... prometi ... a meu pai, que Deus o tenha... nunca fazer nada de errado... e a mulher... e a horta.

ASSASSINO - (*suspira profundamente*) Ah, seu miserável... (*ajoelha-se, agarra o machado e corta a própria garganta. Dá o último suspiro com agonia e então fica deitado, com os braços para trás, estendidos transversalmente pela cama*)

CARRASCO - (*aproxima-se devagar e com medo. Seu comportamento e sua voz tem um quê forçado como o de um autômato. Enquanto isso, faz o sinal da cruz e do lado do morto se ajoelha mecanicamente de forma religiosa*)

Em nome... do pai... e... do filho... e... do... Espírito... Santo... Pai... nosso... que...
estáis... no... céu... santificado...

(*Enquanto ele fala as últimas palavras, a cortina fecha lentamente*)

Este material pode ser usado e compartilhado de acordo com os parâmetros CC by 4.0. Veja mais informações em:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Referências

CEZIMBRA, Mariana Bourscheid. “Du” não é “você”: os pronomes pessoais de tratamento na tradução do texto dramático *Der Henker*, de Maria Lazar, para o português do Brasil. 2024. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.